

RESUMO SBPC

Mesa-Redonda: O QUE PENSAM OS JOVENS SOBRE A CIÊNCIA - PESQUISA X REALIDADE

NATALIA PASTERNAK TASCHNER

Instituto de Ciências Biomédicas – Universidade de São Paulo

Instituto Questão de Ciência

Como os jovens brasileiros enxergam a ciência?

A maioria dos brasileiros acredita na importância das vacinas, mais do que na validade das chamadas terapias alternativas, e quase 90% da população adulta aceita, mesmo que em parte, o fato de que a mudança climática é real e causada pela atividade humana. No entanto, quase metade dos brasileiros adultos rejeita – ou não compreende - um dos princípios fundamentais da Teoria da Evolução, o de que seres humanos e outros primatas descendem de um ancestral comum. E quase 40% da população adulta do país crê que o governo esconde alguma informação sobre extraterrestres.

Esses são alguns resultados da [pesquisa pública sobre compreensão da ciência](#), encomendada pelo Instituto Questão de Ciência (IQC) ao Datafolha. Foram ouvidas mais de 2 mil pessoas, compreendendo todas as faixas etárias, a partir de 16 anos, em todo o território nacional.

Afirmações científicas como “É importante tomar vacinas pois trazem benefícios para a saúde”; “A Terra gira em torno do Sol”; “O aquecimento global e as mudanças climáticas provenientes de ação humana são um problema real que terá efeitos graves sobre a sociedade” ou crenças pseudocientíficas “Energia espiritual pode ter o poder da cura”; “Alienígenas visitaram antigas civilizações na Terra”; “Alimentos transgênicos, ou seja, alimentos geneticamente modificados, fazem mal à saúde” foram utilizadas para medir a compreensão do público sobre assuntos básicos de ciência.

Por um lado, a população como um todo tende a concordar com a importância das vacinas (97%), entende que a Terra gira em torno do Sol (95%) e concorda que as mudanças climáticas são reais e causadas pelo homem (90%). Por outro lado, 73% acreditam que alimentos geneticamente modificados são prejudiciais, apesar do vasto [consenso científico que afirma que são seguros](#), e quase metade não entende ou não aceita o conceito de evolução. Grande parte dos entrevistados acredita que vários tipos de medicina alternativa e curas espirituais funcionam e deveriam constar no Sistema Único de Saúde.

E como fica a posição do jovem? Avaliar como os jovens compreendem temas básicos de ciência é essencial para a elaboração de ferramentas eficazes para uma boa educação científica da nova geração. Se queremos uma geração questionadora, com espírito crítico, capaz de lidar com a quantidade avassaladora de desinformação que circula nas redes sociais, precisamos saber exatamente como o jovem se relaciona com a ciência.

Na pesquisa Datafolha, a faixa etária de 16-25 anos foi a que demonstrou maior confiança na medicina convencional, mas curiosamente também a que mais aprova acupuntura, fitoterapia e cromoterapia, que são práticas de medicina alternativa, sem qualquer respaldo científico que comprove sua eficácia. Aprovam, mas nunca experimentaram nenhuma destas modalidades. E defendem que a incorporação de práticas no SUS deve ser baseada em testes científicos rigorosos. Ou seja, o jovem brasileiro é bastante confuso em questões médicas, não entende como funciona a pesquisa em medicina, não sabe o que são testes clínicos rigorosos e desconhece quais práticas são comprovadas pela ciência.

O percentual de jovens que rejeita alimentos transgênicos também é maior do que a amostra geral, 83%, contra 73% do total, demonstrando que a nova geração também não compreende as ferramentas de domesticação de plantas e biotecnologia, e desconhece o consenso científico que trata deste tema. Esse dado é bastante preocupante, pois demonstra uma falha no sistema educacional. Por outro lado, 61% dos jovens compreende e aceita a teoria da evolução, um percentual maior do que a média da população.

Quando comparamos estes resultados com a pesquisa feita pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia ([INCT-CPCT](#)), a situação do jovem brasileiro fica ainda mais preocupante. A pesquisa mostrou que 25% dos jovens acredita que vacinar as crianças pode ser perigoso, contra apenas 3% da amostra total do Datafolha. Ou seja, os pais e mães mais jovens parecem ser mais suscetíveis ao movimento anti-vacinas. Além disso, segundo o INCT-CPCT, 54% dos jovens acredita que os cientistas “exageram” o problema das mudanças climáticas, o que pode indicar que apesar de concordarem que o problema é real, e causado pelo homem, não entendem a gravidade da situação.

A pesquisa mostra também que os jovens brasileiros não sabem dizer o nome de um único cientista brasileiro (93%), nem de uma instituição de pesquisa (87%). Nos EUA, a Research America traz um resultado similar, 80% dos jovens não soube dizer o nome de um cientista americano vivo. Os resultados sobre onde e como o jovem se informa sobre ciências, apresentado na pesquisa INCT-CPCT, também aponta para um consumo passivo de conteúdo, proveniente de redes sociais, o que deixa os jovens muito suscetíveis às informações impulsionadas por lobbies de grupos com interesses políticos e econômicos.

Assim, apesar de termos jovens que se dizem interessados e apoiadores da ciência nacional, fica a impressão de que este entusiasmo e apoio é apenas uma atitude politicamente correta, afinal, não pega bem dizer que não se interessa por ciência e

tecnologia. Mas ao medir o real conhecimento e relação do jovem com a ciência no seu dia-a-dia, as pesquisas apontam para uma atitude desinteressada, passiva e indiferente. Informação e educação científica de qualidade são portanto, urgentes, assim como uma estratégia que apresente essas informações para o jovem em um formato atraente.

Interessar o jovem por ciência é necessário não somente para garantir a continuidade da pesquisa científica no país, mas principalmente, para garantir uma nova geração de profissionais diversos, que não seja crédula, e que seja capaz de fazer escolhas informadas e baseadas na melhor evidência científica. Se por um lado, devemos garantir uma nova geração de cientistas para o Brasil, temos também a obrigação de formar uma nova geração de pensadores racionais, para garantir que os novos cientistas tenham condições e financiamento adequado, e que a ciência seja valorizada e respeitada na formulação de políticas públicas.